

Os Salmos como escola de oração, na teologia dos Padres da Igreja e Bento XVI

*The Psalms as a school of prayer,
in the theology of the Church Fathers and Benedict XVI*

MARCELO MASSAO OSAVA*

Resumo: Os Padres da Igreja, a partir de seus escritos, deixaram uma herança imensurável para os cristãos de todos os tempos e lugares. Os temas abordados são os mais variados, passando pela apologética, moral, exegese etc. Em relação aos comentários bíblicos, é relevante o livro dos Salmos, sobretudo, na esplêndida obra de Santo Agostinho. Apesar da diversidade de autores, todos os escritos têm um ponto em comum: a prefiguração de Jesus Cristo em cada um dos Salmos. Nessa mesma linha de interpretação, o Papa Bento XVI também deixou uma herança inestimável, não apenas no conjunto da obra do seu pontificado, mas, sobretudo, ao pronunciar uma série de catequeses sobre a oração, sendo sete dedicadas exclusivamente aos Salmos. Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é apresentar a forma como os Padres da Igreja e o Papa Bento XVI utilizaram os Salmos em suas reflexões teológicas, partindo, sobretudo, do aspecto cristológico dos mesmos.

Palavras-chave: Padres da Igreja. Bento XVI. Salmos. Cristologia.

Abstract: The Fathers of the Church, from their writings, left an immeasurable inheritance for Christians of all times and places. The topics covered are the most varied, including apologetics, morals, exegesis, etc. In relation to biblical commentaries, the book of Psalms is relevant, above all, in the splendid work of Saint Augustine. Despite the diversity of authors, all the writings have one thing in common: the prefiguration of Jesus Christ in

* Marcelo Massao Osava é Mestre e doutorando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Bacharel em Teologia e licenciado em História pelo Centro Universitário Claretiano. Contato: marcelorb@gmail.com

each of the Psalms. In the same line of interpretation, Pope Benedict XVI also left an invaluable legacy, not only in the work of his pontificate, but, above all, in pronouncing a series of catecheses on prayer, seven of which were dedicated exclusively to the Psalms. In this sense, the objective of the present work is to present the way in which the Fathers of the Church and Pope Benedict XVI used the Psalms in their theological reflections, starting, above all, from their Christological aspect.

Keywords: Church Fathers. Benedict XVI. Psalms. Christology.

Introdução

Nas páginas do Novo Testamento, os Salmos, dentre os escritos veterotestamentários, são os citados com mais frequência (TARRUEL, 1993, p. 1098), e não é por acaso, que foram amplamente comentados pelos Padres da Igreja. Dentre os escritos mais amplos, têm destaque as obras de Orígenes, Eusébio de Cesareia, Hilário de Poitiers, Atanásio de Alexandria, Basílio de Cesareia, Ambrósio de Milão, Dídimo – o Cego, João Crisóstomo, Jerônimo, Agostinho de Hipona, Arnóbio – o Jovem, Teodoreto de Ciro, Cassiodoro e Isidoro de Sevilha. Dentre os autores, destaca-se Agostinho e a sua monumental obra, comentando cada um dos 150 Salmos, como uma *summa* dos escritos patrísticos a este respeito. Em uma de suas audiências¹, a respeito do homem em oração, o Papa Bento XVI (2011) declarou que o livro dos Salmos é aquele que pode ser tomado como o livro de oração por excelência, e, por isso mesmo, também não foi por acaso que o pontífice dedicou pelo menos sete catequeses para falar, exclusivamente, sobre a importância dos Salmos na vida de oração dos fiéis. Ainda de acordo com Bento XVI, o “saltério apresenta-se como um ‘formulário’ de orações, uma coletânea de cento e cinquenta Salmos, que a tradição bíblica oferece ao povo dos fiéis para que se tornem a sua, a nossa oração, o modo de nos dirigirmos a Deus e de nos relacionarmos com Ele”.

Seguindo a própria essência dos escritos neotestamentários, os Padres incorporaram em suas reflexões teológicas, a interpretação dos Salmos, a partir de uma leitura cristológica. Agostinho desenvolveu a teoria do *totus Christus*, ou seja, o Cristo total é quem ora os Salmos. Em relação ao Salmo 17, por exemplo, Agostinho destaca: “Neste Salmo falam Cristo e a Igreja, quer dizer, Cristo total, a Cabeça e o Corpo” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 878). Bento XVI, comentando o Salmo 110 – o Rei Messias – cita que os Padres fizeram a sua interpretação a partir de uma chave cristológica: “o Rei cantado pelo Salmista é, definitivamente Cristo, o Messias que instaura o Reino de

1 Todos as citações referentes ao Papa Bento XVI foram retiradas de suas audiências públicas, realizadas no ano de 2011, dedicadas à oração, com destaque para os Salmos. Todos os pronunciamentos estão disponíveis no site do Vaticano.

Deus e vence os poderes do mundo, é o Verbo gerado pelo Pai antes de todas as criaturas”. Nos Salmos que abordam, por exemplo, o arrependimento e a culpa, Cristo reza, não por Ele próprio, pois não é culpado de nada, assim como, não precisa de arrependimento, mas, ora pelos membros peregrinos da Igreja, pois aí está o seu Corpo. Assim, desenvolveu-se também a teologia dos demais Padres, de modo que, somente a partir de Cristo é possível entender a salmodia. De acordo com Vagaggini (2009, p. 423), todos os Salmos falam de Cristo, do *Christus totus* de Santo Agostinho, e por isso, são a oração, não apenas do Cristo cabeça, mas de todos os membros do seu corpo.

Nos Salmos estão contidos todos os principais mistérios da vida de Cristo, e, é possível, a partir da interpretação oferecida pelos Padres, encontrar vestígios de diálogos entre o Pai e o Filho, entre Deus e o homem e entre Cristo e a Igreja. À luz da teologia patrística, também se constata que nenhuma outra parte das Escrituras contém tantas expressões que digam respeito à existência humana, com as suas alegrias, tristezas, angústias e esperanças, quanto pode ser extraído do livro dos Salmos. Os Padres então, podem, muito justamente, ser considerados mestres, na sublime arte da interpretação dos Salmos. Nas catequeses do Papa Bento XVI, também é possível identificar os traços da interpretação dos Salmos semelhantes aos utilizados pelos Padres da Igreja, como por exemplo, a relação dos mesmos com os mistérios da vida de Cristo, os vestígios de diálogos entre o Pai e o Filho e a existência do homem, com suas dores e alegrias. Mas, a principal identificação, entre a exegese dos Padres e a de Bento XVI é, sem dúvida, a interpretação cristológica contida em todo o saltério.

1 A oração dos Salmos: um encontro com Cristo

Na leitura e meditação dos Salmos, devemos ter a convicção de que é Cristo quem está rezando conosco, embora, em um sentido diferente do nosso, como por exemplo, nos Salmos penitenciais. Se é o próprio Cristo quem reza, podemos ter a certeza de que, ao ler e meditar os Salmos, nos encontraremos com Ele. Cristo ora por nós e em nós, selando, assim, esse velado e salutar encontro, que só é trazido à lume quando o crente passa a entender o sentido por detrás de cada um dos Salmos. Bento XVI atesta o sentido cristológico encontrado nos Salmos:

Portanto o cristão, recitando os Salmos, reza o Pai em Cristo e com Cristo, assumindo aqueles cânticos numa nova perspectiva, que tem no mistério pascal a sua última chave interpretativa. O horizonte do orante abre-se assim a realidades inesperadas, e cada Salmo adquire uma nova luz em Jesus Cristo, o Saltério pode resplandecer em toda a sua riqueza infinita.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Vaticano II, declara que Cristo Jesus apresentou à humanidade um hino, que é cantado

eternamente no céu e “unindo-se a toda estirpe humana, a associa ao seu próprio cântico de louvor” (SC. 83). De acordo com Bento XVI, o livro dos Salmos, embora seja complexo e composto de vários gêneros literários, é, antes de tudo, um “livro de louvores, que ensina a dar graças, a celebrar a grandeza do dom de Deus, a reconhecer a beleza das suas obras e a glorificar o seu Nome santo”. Cristo é o próprio autor dos Salmos, o Seu compositor por excelência, prefigurado, na pessoa do rei Davi, que é o indicado, muitas vezes, como o hagiógrafo de muitos Salmos: “A Igreja também vê em Cristo, verdadeiro Davi, o verdadeiro autor dos salmos, e retoma assim o livro das orações e dos cantos da Antiga Aliança” (RATZINGER, 2012, p. 450). Em relação ao dado veterotestamentário, sobre a relevância dos Salmos na vida do crente, o Catecismo da Igreja Católica destaca que os “Salmos (ou “Louvores”) são obra-prima da oração no Antigo Testamento” (CEC. 2585). Sendo Cristo, o Orante por excelência, é perfeitamente legítimo associá-Lo estreitamente com os Salmos.

Desde os primórdios da Igreja, os Salmos eram lidos em vista à pessoa de Cristo, mas, a partir do século IV, graças ao trabalho exegético dos Padres, passaram a receber tal interpretação de forma sistemática, ou seja, no sentido de que nos Salmos é realmente Cristo quem fala à Igreja (TARRUEL, 1993 p. 1098). Agostinho, na sua monumental obra de comentários aos Salmos, descreve que:

Ao nos dirigirmos, suplicantes, a Deus, não apartemos o Filho, e ao rezar o corpo do Filho, não se separe da Cabeça. Seja ele o único Salvador de seu corpo, nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, que suplique por nós, ore em nós, e a quem endereçamos nossas preces. Ora por nós como nosso sacerdote, ora em nós como nossa Cabeça e a ele oramos como a nosso Deus. Reconheçamos, portanto, na sua as nossas vozes, e sua voz em nós (AGOSTINHO DE HIPONA, 1997, p. 841).

Assim, os Salmos nos colocam em estreita união com Cristo, pois, se cada um deles é oração de Cristo, então, também, é a nossa oração (VAGAGGINI, 2009, p. 423). Os Padres têm a convicção de que, ao ler e rezar os Salmos, é possível um encontro com o Filho do Deus vivo. Ao comentar o Salmo 23, Bento XVI reconhece, na figura do pastor, a imagem do Senhor Jesus, o Bom Pastor, que vai ao encontro da ovelha perdida. Na interpretação do Salmo 110, o pontífice, ao se referir à realeza, declara: “Também aqui vemos que tudo isto não é realizado pela figura de um rei davídico, mas pelo Senhor Jesus Cristo, que provém realmente de Deus; Ele é a luz que traz a vida ao mundo”. Agostinho diz sobre a certeza desse encontro com Cristo, que, “em todos os salmos, ao ouvirmos a voz de Cristo, ouçamos também a do seu corpo. Se Ele está conosco, fala conosco, fala de nós e por nós, como nós também falamos n’Ele” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 889). Comentando o Salmo 18, o Bispo de Hipona, declara: “Neste Salmo canta-se a respeito de Cristo. É evidente

o que afirmo, porque nele está escrito: Como esposo que sai de seu tálamo. Quem é o esposo senão Aquele que, segundo o Apóstolo, desposou a Virgem?” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 878). No seu comentário ao Salmo 119, Bento XVI afirma que o mesmo “leva-nos ao encontro com o Senhor e orienta-nos para o Evangelho”. Tertuliano afirma que a pessoa de Cristo está contida em quase todos os Salmos (TERTULIANO, *Adversus Praxeam* 11,7) ou seja, não é possível lê-los, sem que o orante tenha um encontro pessoal com o próprio Cristo. Na exegese do Salmo 110, Bento XVI declara que se trata de um Salmo citado pelo próprio Jesus, e lido, pelos autores neotestamentários, com referência ao próprio Cristo.

O Filho de Deus veio ao encontro da humanidade decaída, sedenta por salvação e libertação. Esse encontro, entre Cristo e toda a criação, é uma das chaves de leitura dos Salmos. De acordo com Hilário de Poitiers, referindo-se à relação entre Cristo e os Salmos, é preciso levar em consideração que, “o livro dos Salmos não pode compreender-se de outro modo que não seja pela fé na sua vinda...” (HILÁRIO DE POITIERS, 2015, p. 418). Ambrósio de Milão, aponta características encontradas em alguns Salmos:

Os salmos que têm por título para o fim, ou dizem respeito a Cristo, ou são do próprio Cristo. Dizem respeito a Cristo quando é Ele o anunciado. São do próprio Cristo quando é Ele que se anuncia, que promete sua vinda à terra e Se digna revelar-nos o que irá sofrer no seu próprio corpo...” (AMBRÓSIO DE MILÃO, 2015, p. 644).

Basílio de Cesareia descreve que nos Salmos está a “síntese e o ponto culminante da teologia: o anúncio da vinda de Cristo na carne” (BASÍLIO DE CESAREIA, 2015, p. 462). A encarnação é o grande motivo para que a vida do fiel seja, apesar de todos os pesares, uma vida alegre. O Salmo 126 canta a alegria do povo de Israel ao voltar do exílio, ao ser resgatado e liberto, sendo assim, caracterizado como um salmo de júbilo. A encarnação do Verbo também trouxe a liberdade e resgatou a humanidade decaída pelo pecado, gerando uma verdadeira fonte de alegria perene. Bento XVI interpreta esse Salmo a partir da alegria proporcionada pela encarnação do Verbo de Deus, quando “o Senhor mantém com os seus eleitos e que encontrará no nome Emanuel, ‘Deus conosco’, com que é chamado Jesus, o seu ápice e a sua plena manifestação (cf. Mt 1,23)”.

A *Sacrosanctum Concilium* afirma que Cristo se faz presente na liturgia de várias maneiras, dentre elas, “por sua Palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja” (SC. 7). Uma interpretação menos cuidadosa pode pensar em tal assertiva, apenas em relação ao Novo Testamento, sobretudo, os evangelhos. Porém, seguindo a teologia dos Padres, é possível constatar que, também nos Salmos, é Cristo quem fala. A respeito da excelência e relevância dos Salmos, Ambrósio ressalta que “ainda que toda a Escritura divina respire a graça de Deus, é-nos particularmente agradável o Livro dos Salmos”

(AMBRÓSIO DE MILÃO, 2015, p. 635). Na mesma linha de interpretação, Atanásio de Alexandria declara: “Certamente toda a Sagrada Escritura é mestra da virtude e da fé verdadeira, mas o livro dos salmos oferece, além disso, o ícone para a direção das almas” (ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, 2015, p. 433). O livro dos Salmos é tão extraordinário que, de acordo com a interpretação de Bento XVI, é possível extrair do Salmo 136, por exemplo, o “resumo de toda a história da salvação, da qual o Antigo Testamento nos dá testemunho”. Agostinho descreve que a única preocupação que o crente deve ter, ao ler os Salmos, é “ver Cristo, de aí escutar Cristo” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 899).

2 Os mistérios da vida de Cristo nos Salmos

Dos Salmos é possível extrair os principais mistérios da vida de Cristo, desde a anunciação do Anjo à Maria, até a Ascensão. Nas obras dos Padres, são inúmeros os comentários que relacionam alguns Salmos com os mistérios da vida de Cristo. Ambrósio comenta que “nos salmos, não apenas vemos Jesus nascer, mas também afrontar a sua Paixão corporal salvadora, repousar no túmulo e ressuscitar, subir aos Céus e estar sentado à direita do Pai (AMBRÓSIO DE MILÃO, 2015, p. 635).

Nos Salmos, de acordo com Nicetas de Remesiana², “cantam-se os mistérios de Cristo, pois se anuncia o seu nascimento e se fala da rejeição do povo ímpio e da herança dos gentios” (NICETAS DE REMESIANA, 2015, p. 764). Conforme Ambrósio, “nos Salmos não só se anuncia que Jesus nasce para nós, mas também que aceita a paixão redentora do seu corpo, morre e é sepultado, ressuscita, sobe ao Céu e senta-Se à direita do Pai” (AMBRÓSIO DE MILÃO, 2015, p. 635).

Atanásio de Alexandria, em uma carta enviada à Marcelino, relaciona o Salmo 44 com a anunciação do anjo à Maria, sobretudo, a partir do versículo 11, “ouve, filha, vê, inclina o ouvido, esquece o teu povo e a casa de teu pai”. O grande pai da ortodoxia³, assim comenta:

Depois de haver afirmado que Cristo é o Ungido, mostra à parte sua encarnação, através do seu nascimento humano da Virgem, ao declarar: “Escuta, filha minha”. O anjo Gabriel chama Maria por seu nome, porque é um estranho – enquanto ao parentesco se refere – mas, Davi, o salmista, já que ela é de sua descendência, a chama, com toda razão, ‘sua filha’” (ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, 2015, p. 433).

2 Este comentário aos Salmos, tem um caráter de um escrito anônimo, mas é provável que tenha sido utilizado por Nicetas de Remesiana. Seria a segunda parte do quarto livro, de uma obra chamada “Catequese aos Competentes”.

3 Atanásio de Alexandria, por conta de suas disputas teológicas ao longo da vida, sobretudo contra o arianismo, recebeu o merecido apelido de “Pai da Ortodoxia”.

Ambrósio, comentando o Salmo 1, faz a sua exegese com base no mistério do nascimento de Cristo, a partir da Virgem Maria:

Um menino, enquanto filho de uma virgem; um filho, enquanto gerado por Deus, é autor de tanta luz. Nasceu-nos um menino, porque o Verbo se fez carne e habitou entre nós; nasceu para nós aquele que tomou carne de uma virgem, porque um homem nasceu de Maria. Pela carne pode falar-se de nascimento, pelo Verbo de dom: aquele que é nosso, nasceu entre nós; aquele que está acima de nós, foi-nos dado a nós (AMBRÓSIO DE MILÃO, 2015, p. 635).

Vários são os comentários que os Padres fizeram sobre a Paixão do Senhor. Comentando o Salmo 19, Arnóbio, o Jovem, descreve: “A Igreja diz a Cristo que caminha para a cruz: O Senhor te ouça no dia da tribulação e o nome do Deus de Jacó te proteja. Sim, ela fala ao homem que se ofereceu em redenção por todos” (ARNÓBIO, 2015, p. 1181). Agostinho, comentando o Salmo 63, a respeito de redenção operada por Cristo, declara que “este salmo aplica-se de modo especial à Paixão do Senhor. Os mártires nunca se teriam mostrado tão fortes, se não tivessem contemplado Aquele que foi o primeiro a sofrer”. (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 891).

Nicetas de Remesiana fez uma belíssima analogia entre a harpa de David e a Cruz de Cristo: “Não porque aquela cítara possuísse uma tal virtude, mas porque era figura da cruz de Cristo, representada misticamente na madeira e na extensão das suas cordas, e porque a própria paixão que se cantava vencia já então o espírito do Demônio” (NICETAS DE REMESIANA, 2015, P. 763). Jesus, o Cordeiro Pascal, é prefigurado no Salmo 40, conforme comentário de Ambrósio: “Nosso Senhor Jesus Cristo é bom, porque Se fez cordeiro do nosso banquete. Perguntas como? Ouve o que foi dito: Cristo, nossa Páscoa, foi imolado, e considera como os nossos pais, quando comiam o cordeiro, significavam a Paixão do Senhor”. (AMBRÓSIO DE MILÃO, 2015, p. 641).

Irineu de Lyon, também a respeito da paixão e ressurreição, faz um comentário a partir do Salmo 3, fazendo uma analogia entre Davi e Jesus Cristo:

Davi tratou assim da morte e da ressurreição de Cristo: “Eu me deito e logo adormeço. Desperto, pois é Iahweh quem me sustenta”. Davi não disse isso de si próprio, porque não ressuscitou depois da morte; mas o Espírito de Cristo, que assim falou pelos profetas, disse pela boca de Davi: “Eu me deito e logo adormeço. Desperto, pois é Iahweh quem me sustenta”. Define a morte como “sono”, porque ressuscitou (IRINEU DE LYON, 2014, p. 124).

Agostinho, comentando o Salmo 21, faz uma descrição esplêndida e emocionante sobre a Paixão de Cristo: “Este salmo descreve a Paixão de Cristo de maneira tão evidente que parece o Evangelho, e, no entanto, foi

composto não sei quantos anos antes de o Senhor ter nascido da Virgem Maria” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 878). Comentando o Salmo 21, proclamado na liturgia da Sexta-Feira da Paixão, Bento XVI expõe a face cruel dos algozes de Cristo:

Com imagens dramáticas, que voltamos a encontrar nas narrações da Paixão de Cristo, descreve-se a decomposição do corpo do condenado, o calor insuportável que atormenta o moribundo e que encontra eco no pedido de Jesus: ‘Tenho sede’ (cf. Jo 19,28), para chegar ao gesto definitivo dos algozes que, como os soldados aos pés da Cruz, repartem entre si as vestes da vítima, já considerada morta (cf. Mt 27,35; Mc 15,24; Lc 23,34; Jo 19,23-24).

Ao enfrentar a morte dolorosa na Cruz, Jesus pode assumir, de acordo com Bento XVI, todas as palavras pronunciadas no Salmo 21: “Abandonado por quase todos os seus, atraído e renegado pelos discípulos, circundado por quantos o insultam, Jesus encontra-se sob o peso esmagador de uma missão que deve passar pela humilhação e o aniquilamento. Por isso, clama ao Pai”. E o Papa complementa, declarando que o Salmo 21 tem o condão de nos levar aos pés da Cruz de Jesus, até ao Gólgota, e nos faz reviver, não apenas a sua Paixão, mas também a sua gloriosa Ressurreição.

Sobre a ressurreição de Cristo, Justino de Roma, comentando o Salmo 23, descreve: “Contudo, de maneira alguma se pode demonstrar que tal profecia se refira a este ou àquele ou a qualquer outro dos chamados vossos reis, mas unicamente a esse nosso Cristo; ele ressuscitou dentre os mortos e subiu ao céu, como o declaravam esse mesmo Salmo” (JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 242). Orígenes também enxerga, no Salmo 118, uma figura da ressurreição do Senhor:

Antes de vir o oitavo dia do Senhor Jesus Cristo, todo o mundo estava manchado e incircunciso. Quando veio esse oitavo dia, o da Ressurreição de Cristo, fomos todos imediatamente purificados na sua circuncisão... Oito é o símbolo do mundo futuro, na medida em que implica o dinamismo da Ressurreição (ORÍGENES, 2015, p. 281).

“Deus sobe por entre aclamações, o Senhor, ao som do chofar” (Sl 46, 6). Agostinho contempla, neste Salmo, a Ascensão de Cristo aos Céus: “Foi Nosso Senhor Jesus Cristo que subiu entre aclamações. Deus subiu entre aclamações. Aclamação de júbilo é uma admiração de alegria, que não pode explicar-se por palavras” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 887). Bento XVI, vê no Rei Messias, do Salmo 110, a figura do próprio Senhor Jesus, depois de ter subido aos Céus: “E compreende-se imediatamente que este Rei que está à direita de Deus e participa do seu Senhorio, não é um destes homens sucessores de David, mas só o novo David, o Filho de Deus que venceu a morte e participa realmente na glória de Deus”.

Eusébio de Cesareia é muito conhecido, por sua obra “História Eclesiástica” e “Vida de Constantino”, porém, também escreveu esplêndidos comentários sobre os Salmos. Em relação ao Salmo 101, disserta sobre o repouso do Filho ao lado Pai, comparando-o também ao repouso do domingo:

O Verbo... transmitiu-nos uma imagem do repouso verdadeiro, que é o domingo, dia da salvação e o primeiro dia da luz, durante o qual o Salvador..., elevado acima da obra dos seis dias, ultrapassou as portas celestes, tomando posse do sábado divino e do repouso bem-aventurado, enquanto seu Pai lhe dizia: Senta-te à minha direita...(EUSÉBIO DE CESAREIA, 2015, p. 381)

Assim, a partir dos escritos de vários Padres, é possível fazer uma belíssima aproximação entre os Salmos e os principais mistérios da vida de Cristo, ou seja, da anunciação do anjo à Maria até a sua ascensão aos céus, onde está sentado à direita de Deus Pai. Bento XVI conclui o seu comentário ao Salmo 110, exortando os fiéis:

Ao rezar com este Salmo, pedimos ao Senhor para poder andar também nós pelos seus caminhos, no seguimento de Cristo, o Rei Messias, dispostos a subir com Ele ao monte da cruz para alcançar com Ele a glória, e para o contemplar sentado à direita do Pai, rei vitorioso e sacerdote misericordioso que concede o perdão e a salvação a todos os homens.

3 Salmos: diálogos entre o Pai e o Filho; entre Deus e o homem; entre Cristo e a Igreja

Os Padres também interpretaram os Salmos como um diálogo, partindo, tanto da perspectiva imanente, quanto da econômica. Em relação à primeira, Cassiodoro comenta: “É mérito dos salmos unir, numa mesma glória, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, para que seja confirmado o seu louvor perfeito” (CASSIODORO, 2015, p. 1423). No diálogo na Cruz, entre o Filho e o Pai, Agostinho interpreta o versículo primeiro do Salmo 21, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”, da seguinte maneira: “E quando o Verbo, Deus feito carne, pendia da cruz e dizia: “Meu Deus, meu Deus, olha-me, por que me desamparaste?” assim se exprime porque nós lá estávamos com ele, porque a Igreja é o corpo de Cristo” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 878).

Bento XVI também interpreta o Salmo 21 a partir do diálogo entre o Filho, na Cruz, e o Pai, quando a ausência de uma palavra causa mais medo do que a resposta. Mas, o Filho confia e sabe que o seu clamor não ficará sem uma resposta da parte do Pai:

A oração pede escuta e resposta, solicita um contato, procura uma relação que possa conferir conforto e salvação. Mas se Deus não responde, o grito de ajuda perde-se no vazio e a solidão torna-se insustentável. E, no entanto, o orante do nosso Salmo, no seu brado, chama três vezes o Senhor “meu” Deus, num extremo gesto de confiança e de fé.

Como em todo o diálogo, existe o momento do silêncio da parte de um dos interlocutores, e assim, no Salmo 21, é evidenciado um aparente silêncio da parte de Deus. E é sobre o silêncio de Deus na Cruz, que Bento XVI também se refere, no desenvolvimento do comentário ao Salmo 21:

E como o justo oprimido, do Livro da Sabedoria (cf. 2,12-20), ou como Jesus no Calvário (cf. Mt 27,39-43), o Salmista vê posta em dúvida a própria relação com o seu Senhor, na evidência cruel e sarcástica daquilo que o faz sofrer: o silêncio de Deus, a sua aparente ausência. E no entanto, Deus esteve presente na existência do orante com uma proximidade e uma ternura inquestionáveis.

Entendendo a interpretação dos Padres, como feito por Agostinho no Salmo 21, é perfeitamente possível chegar à conclusão de que estamos diante de um diálogo trinitário, do qual, também fazemos parte, de modo que, nos Salmos, Cristo não dialoga apenas com o Pai, mas também com a Igreja. Basílio de Cesareia faz a sua interpretação do Salmo 1 afirmando que “o canto dos salmos é a voz da Igreja” (BASÍLIO DE CESAREIA, 2015, p. 462). E, como não se trata de um monólogo, a Igreja responde a Cristo da mesma forma, também através dos Salmos. “Nos salmos é Cristo quem fala à Igreja; e é a Igreja que se dirige a Cristo ou que falará de Cristo ao Pai” (TARRUEL, 1993, p. 1098). Quando a Igreja ora os Salmos, estabelece um diálogo com Cristo. No Salmo 3, por exemplo, o crente implora por sua salvação: “Levanta-te, Senhor, salva-me, ó meu Deus!”. É o grito daqueles que pedem os frutos da ressurreição de Cristo. Nicetas de Remesiana, considera a salmodia um sacrifício agradável de louvor, que a Igreja oferece ao Criador:

Estes são os hinos que a Igreja canta a Deus. Estes são também os que esta nossa assembleia pratica com o som da voz... Tu próprio verás se pode pôr-se em dúvida que os hinos agradam a Deus quando tudo o que se leva a cabo está orientado para a glória do Criador... (NICETAS DE REMESIANA, 2015, p. 763).

A partir dos Salmos, de acordo com a exegese de Bento XVI, se realiza também uma mistagogia, pois os fiéis têm a oportunidade de estabelecer um diálogo filial com Deus. Comentando a realidade do povo que reza os Salmos, o Papa destaca que estamos diante de uma verdadeira escola de oração: “Quem recita os Salmos fala a Deus com as palavras que o próprio Deus nos concedeu,

dirige-se a Ele com as palavras que Ele mesmo nos doa. Deste modo, recitando os Salmos aprendemos a rezar. Eles constituem uma escola de oração”. Ainda nesta linha de pensamento, Bento XVI declara que, tanto Israel quanto a Igreja, receberam os livros dos Salmos, a fim de que com ele, pudessem aprender a rezar. Como crianças que aprendem a dialogar com os seus pais, ou seja, utilizando gestos e palavras que aprendem enxergando e ouvindo os que estão ao seu redor, os Salmos nos foram dados por Deus, conforme Bento XVI, a fim de que “aprendamos a dirigir-nos a Deus, a comunicarmos com Ele, a falar-lhe de nós com as suas palavras, a encontrar uma linguagem para o encontro com Deus”.

A relação da Igreja com os Salmos deve ultrapassar os limites de sua aplicação usual na liturgia, seja através do Ofício Divino ou da celebração eucarística. De acordo com Ratzinger: “O Livro dos Salmos se torna o livro de oração da Igreja a caminho, que exatamente assim se torna uma Igreja que reza com o canto” (RATZINGER, 2013, p. 118). Na relação estreita entre os Salmos e a liturgia, Teodoreto de Ciro interpreta a participação de Cristo Sacerdote, comentando o Salmo 109:

Cristo, o Senhor, ofereceu-se a Si mesmo a Deus por todos os homens, ao dar início ao seu sacerdócio na noite que precedeu a sua paixão... Mas agora Cristo é sacerdote, não por oferecer Ele mesmo alguma coisa, mas por ser cabeça dos que oferecem. Ele chama à Igreja seu corpo, e por meio dela desempenha o seu sacerdócio como homem, enquanto, como Deus, aceita as oblações. E a Igreja oferece os símbolos do seu corpo e do seu sangue... (TEODORETO DE CIRO, 2015, p. 1228).

A liturgia também é lugar para se fazer memória. Bento XVI, comentando o Salmo 136, recorda que o povo fazia memória das bênçãos recebidas por Deus: “Depois, Deus fez-se homem, um de nós: viveu conosco, sofreu conosco e morreu por nós. E permanece conosco no Sacramento e na Palavra”.

A partir de uma leitura com base na teologia e exegese dos Padres, é possível distinguir, nos Salmos, quem fala e a quem se refere o que é dito. Agostinho, comentando o Salmo 85, descreve:

Por conseguinte, quando apresentamos as nossas súplicas a Deus, não devemos separar d’Ele o Filho; e, quando reza o corpo do Filho, não deve considerar-se separado da cabeça; e deste modo, o salvador do seu corpo, Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, é o mesmo que ora por nós, ora em nós, e recebe a nossa oração. Ora por nós como nosso sacerdote, ora em nós como nossa cabeça, recebe a nossa oração como nosso Deus. Reconheçamos n’Ele a nossa voz, e em nós a sua voz (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 896).

Embora não seja o enfoque específico do presente trabalho tratar a relação entre os Salmos e a liturgia, é relevante deixar registrado que os Padres também realizaram o trabalho de interpretação dos Salmos, relacionando-os aos ritos da iniciação cristã. Por exemplo, Dídimo de Alexandria, comentando o Salmo 22, a partir da realidade dos neófitos: “Para aqueles que ainda não se conferem os bens terrestres, por causa de sua idade, a riqueza divina é comunicada toda inteira. Desse modo, eles cantam alegremente: O Senhor me conduz e nada me faltará” (DÍDIMO, 2015, p. 654). Na mesma perspectiva, em relação aos neófitos, Ambrósio comenta os Salmos 42 e 102: “De fato, deixando a veste do antigo erro e renovada a sua juventude como a águia, apressam-se para ir tomar parte no banquete celeste (AMBRÓSIO DE MILÃO, 2015, p. 619).

Gregório de Nissa, também interpreta o Salmo 22, relacionando-o aos recém-batizados: “Por este Salmo o Cristo ensina à Igreja que é preciso, antes de tudo, que tu te tornes uma ovelha do Bom Pastor; é a catequese que te guia para as pastagens e as fontes da doutrina” (GREGÓRIO DE NISSA, 2015, p. 593). Bento XVI relaciona o Salmo 136 com a Eucaristia:

O poder invisível do Criador e Senhor, cantado no Salmo, revela-se na pequena visibilidade do pão que nos oferece, com o qual nos faz viver. E assim, este pão cotidiano simboliza e sintetiza o amor de Deus como Pai, e abre-nos ao cumprimento neotestamentário, àquele “pão de vida”, a Eucaristia, que nos acompanha na nossa existência de crentes, antecipando a alegria definitiva do banquete messiânico no Céu.

Hilário de Poitiers, comentando o salmo 64, coloca-o em uma linha de interpretação relacionada à Liturgia das Horas:

O progresso da Igreja nos hinos da manhã e de Vésperas é um grande sinal da misericórdia de Deus. Começamos o dia com orações de Deus, terminamos o dia com os hinos de Deus, como foi dito: Grato lhe seja o meu canto, e também: Elevem-se as minhas mãos como oblação da tarde (HILÁRIO DE POITIERS, 2015, p. 419).

Bento XVI faz um convite para que todos se esforcem para rezar os Salmos, “habitando-se a utilizar a Liturgia das Horas da Igreja, as Laudes das manhãs, as Vésperas da tarde, a Completa antes de adormecer”.

Os Padres da Igreja conseguiram demonstrar, de forma genuína, a partir da exegese de vários Salmos, como podem ser perfeitamente identificáveis os diálogos entre o Pai e o Filho, entre Deus e o homem, e entre Cristo e a Igreja. Bento XVI demonstra que os Salmos ajudam na abertura à ação de graças, no diálogo com Deus, “ao grande hino que abrange todo o povo, os fiéis do Senhor, a assembleia litúrgica e as gerações vindouras”.

3.1 A Igreja orando os Salmos na esteira dos Padres.

A coletânea dos textos, que contém a teologia dos Padres da Igreja, é composta, em muitos casos, de obras volumosas, e por isso, nem sempre é acessível da melhor maneira, aos fiéis. Uma pena muito grande, pois tanta preciosidade corre o risco de ficar, não esquecida, mas escondida. Quem, a não ser a Igreja, pode se colocar na posição de guardião de tais textos? O desafio consiste, então, em como torná-los acessíveis de uma maneira mais simples, para que todos, sem exceção, possam beber de tão límpidas fontes. O Papa Bento XVI, antes de iniciar as catequeses sobre a oração e os Salmos, fez uma série de audiências sobre os Padres da Igreja, descrevendo, de forma breve, características e peculiaridades a respeito de suas vidas e obras, indo, por exemplo, de Clemente Romano a Agostinho e de Leão Magno a Bernardo de Claraval.

Como uma mãe, que sempre oferece o melhor para os seus filhos, a Igreja, inspirada sob o Espírito Santo, a partir do Concílio Vaticano II, proporcionou aos fiéis um contato mais íntimo e simples com as obras dos Padres. A Constituição *Sacrossanctum Concilium*, em seu número 92, expõe, de que maneira a reforma litúrgica quis valorizar a oração sálmica dos Padres. Em relação ao Ofício Divino, declara: “Faça-se melhor seleção das leituras a extrair das obras dos Santos Padres, Doutores e Escritores eclesiásticos” (SC. 92). Os fiéis têm, diariamente, à disposição, uma seleta coleção de leituras das obras dos Padres, como um auxílio essencial na meditação da Palavra de Deus, de acordo com a norma da Tradição católica. “Efetivamente, os escritos dos Santos Padres são testemunhos esplêndidos dessa meditação da palavra de Deus, prolongada através dos séculos” (IGLH. 164). O que há de melhor nos escritos cristãos está à disposição dos fiéis: “A leitura quotidiana das obras dos santos Padres e dos Escritores eclesiásticos, dispostas segundo os decretos do Concílio, apresenta os melhores escritos dos autores cristãos, particularmente dos Padres da Igreja” (LC 6).

Além dos fiéis, que podem beber nas fontes dos Padres, aqueles que têm o dever de instruir, seja através da catequese ou das homilias, também são beneficiados pelos escritos patrísticos. Nos dias atuais, muitos são os subsídios que podem ajudar na elaboração da mensagem a ser comunicada. Mas não é preciso muito esforço para buscar tais materiais, pois graças aos textos dos Padres, “os pregadores da palavra de Deus têm à sua disposição, diariamente, excelentes modelos de pregação sagrada” (IGLH. 165).

4 O homem em oração

Em nenhum outro livro da Bíblia encontram-se, de forma tão abundante, passagens que tocam tanto à existência humana, quanto as que podem ser encontradas na leitura dos Salmos. Assim descreve Atanásio de Alexandria: “Para aquele que salmodia, os salmos são como um espelho no qual

pode contemplar-se a si mesmo, ver os impulsos da sua alma, e recebê-los com esses mesmos sentimentos...” (ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, 2015, p. 433).

De acordo com Bento XVI, tudo o que envolve a vida do ser humano pode ser encontrado no livro dos Salmos, desde os momentos de maior festa, alegria e satisfação, até aqueles causadores de angústia, solidão e medo.

Neste livro, encontra expressão toda a experiência humana, com os seus múltiplos aspectos, bem como toda a gama de sentimentos que acompanham a existência do homem. Nos Salmos entrelaçam-se e exprimem-se alegria e sofrimento, desejo de Deus e percepção da própria indignidade, felicidade e sentido de abandono, confiança em Deus e solidão dolorosa, plenitude de vida e medo de morrer. Toda a realidade do crente conflui nestas orações, que primeiro o povo de Israel e depois a Igreja assumiram, como mediação privilegiada da relação com o único Deus e resposta adequada ao seu revelar-se na história.

Ao meditar e orar com os Salmos, seguindo a linha dos Padres, é preciso levar em consideração que o destinatário não é aquele personagem que viveu nos tempos passados, mas sim, o leitor contemporâneo. O versículo 9 do Salmo 46, “Deus está sentado no seu trono sagrado”, é assim interpretado por Agostinho: “Os céus são o seu trono santo? Queres também tu ser o trono de Deus? Não julgues que não o podes. Prepara para ele um lugar em teu coração; ele virá, e com gosto aí se sentará” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 887).

É o *zikkaron*, ou seja, um memorial de ação de graças, pois, em um sentido antropológico, fazer memória, ou melhor, atualizar de verdade o fato que se recorda, é uma característica tipicamente humana. O Salmo 34 proclama que o justo tem muitas aflições, mas o Senhor o livra de todas elas. Pode acontecer que, a partir de uma existência marcada pelo sofrimento, pela dor e pelo medo, muitos acabem esquecendo os benefícios recebidos por Deus ao longo da vida. Assim, como na história do povo de Israel, permeada por altos e baixos, trevas e luzes, a vida do fiel também é passível de todo o tipo de controvérsias e rebeldias, porém, nos ensina Bento XVI, comentando o Salmo 136, que

Israel se recorda da bondade do Senhor... Tem a memória da bondade do Senhor, do seu poder; a sua misericórdia é válida eternamente. E isto é importante também para nós: ter uma memória da bondade do Senhor. A memória torna-se força de esperança. A memória diz-nos: Deus existe, Deus é bom, a sua misericórdia é eterna. E assim a memória abre, mesmo na obscuridade de um dia, de um tempo, o caminho rumo ao futuro: é luz e estrela que nos guia.

Comentando o Salmo 3, Bento XVI destaca que são palavras de encorajamento para que o fiel siga sempre em frente, apesar das dificuldades

e contrariedades que possa encontrar pelos caminhos da vida: “Na dor, no perigo, na amargura da incompreensão e da ofensa, as palavras do Salmo abrem o nosso coração à certeza confortadora da fé. Deus está sempre perto – nos problemas e nos contratempos da vida – ouve, responde e salva à sua maneira”.

Conforme Nicetas de Remesiana, tudo o que é útil e edificante para a vida humana, independente de idade ou sexo, pode ser encontrado em cada um dos Salmos:

A criança encontra nele o leite que a nutre, o menino palavras para o louvor, o adolescente para corrigir o seu caminho, o jovem aquilo que deve seguir, o ancião o que pode rezar. A mulher aprende o pudor, os órfãos encontram um pai, as viúvas um juiz, os pobres um protetor, os estrangeiros um defensor. Os reis e os juízes escutam o que devem temer (NICETAS DE REMESIANA, 2015, p. 763)

Através da leitura contemporânea dos Salmos, é possível constatar que, a linguagem de Deus é sempre atual e Ele se recorda continuamente do homem e de toda Criação. O homem, por sua vez, orando com os Salmos, se recorda de Deus, emergindo, assim, um movimento descendente (Deus fala com o homem) e outro ascendente (o homem fala com Deus). A vida inteira do homem, está contida nos Salmos, pois, de acordo com Atanásio de Alexandria, esse livro tem uma “uma graça singular..., pois descreve e expressa os sentimentos humanos...” (ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, 2015, p. 433).

Se, ao longo de todas as Escrituras, existe um chamado à conversão, no livro dos Salmos o leitor encontra a forma de como deve proceder para atingir tal meta. “Certamente toda a Sagrada Escritura é mestra da virtude e da fé verdadeira, mas o livro dos Salmos oferece, além disso, o ícone para a direção das almas...” (ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, 2015, p. 433). O crente, cansado com os fardos e amedrontado com os pesares da vida, ainda mais em tempos de pandemia, encontra nos Salmos, um refrigério para continuar confiante e firme na caminhada. Ambrósio de Milão descreve de maneira esplêndida tal realidade:

Na verdade, o salmo é a bênção do povo, o louvor de Deus, o hino dos fiéis, o aplauso da assembleia, a palavra da multidão, a voz da Igreja, a exultante confissão da fé, a expressão da autêntica piedade, a alegria da liberdade, o clamor do júbilo, a exultação da alegria. Ele acalma a ira, afasta a ansiedade, alivia a tristeza. É a arma durante a noite, ensino durante o dia; é escudo no temor, festa na santidade, imagem da tranquilidade, penhor da paz e da concórdia (AMBRÓSIO DE MILÃO, 2015, p. 635).

Isidoro de Sevilha comenta que “as leituras são lidas para formar o povo que as deve seguir, e os salmos são cantados para levar à compunção o espírito dos que os ouvem” (ISIDORO DE SEVILHA, 2015, p. 1530). Os Salmos, assim, falam diretamente ao coração daqueles que oram, independente de tempo ou lugar.

Na oração dos Salmos, além do crente ter um contato íntimo com Cristo, pode também, encontrar-se com o hagiógrafo, de modo que, os sentimentos por eles consignados, podem perfeitamente ser os mesmos daqueles que oram no tempo presente. Bento XVI, comentando o Salmo 23, declara que

O Salmista torna-se objeto de muitas atenções, pelo que se vê como um viandante que encontra salvação numa tenda hospitaleira, enquanto os seus adversários devem parar para olhar, sem poder intervir, porque aquele que consideravam sua presa encontrou refúgio, tornou-se hóspede sagrado, intocável. E o Salmista somos nós, se formos realmente crentes em comunhão com Cristo. Quando Deus abre a sua tenda para nos receber, nada nos pode ferir.

Agostinho descreve: “Deste modo, se o salmo ora, orai; se chora, chorai; se exulta, se espera, esperai; se teme, temei. Todas as coisas que aqui estão escritas são nosso espelho” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 881). De acordo com Gerhards e Kranemann, através dos Salmos, “são expressas e postas diante de Deus situações de vida do homem totalmente contraditórias, como alegria e sofrimento, desespero e esperança. Por intermédio desses textos, todas as facetas da vida humana são trazidas para a liturgia” (GERHARDS; KRANEMANN, 2012, p. 210). Os dias são difíceis e a esperança é constantemente bombardeada por sentimentos de incertezas, mas somos exortados por Bento XVI, a partir da exegese do Salmo 136, a não desanimarmos diante das noites escuras da vida, pelas quais, todos, mais cedo ou mais tarde, acabam passando:

Também cada um tem a sua história pessoal de salvação, e realmente temos que valorizar esta história, ter sempre presente a memória das maravilhas que Ele fez inclusive na minha vida, para ter confiança: a sua misericórdia é eterna. E se hoje estou na noite obscura, amanhã Ele libertar-me-á, porque a sua misericórdia é eterna.

Diante de tantos problemas intrínsecos à realidade humana, à luz da fé, caminhamos na esperança de alcançarmos a meta desejada, ou seja, a glória nos Céus, embora, em muitos problemas, como expressa Bento XVI, comentando o Salmo 3, “somos tentados a pensar que talvez nem Deus me salve, não me conheça, talvez não seja capaz; a tentação contra a fé é a última agressão do inimigo”, mas, conclui o Papa: “a isto temos que resistir, pois só assim encontramos Deus e a vida”.

Conclusão

O primeiro orante dos Salmos é Cristo. Assim foi interpretado pelos Padres da Igreja, nos seus diversos comentários, tendo na pessoa de Agostinho, o principal expoente. O Papa Bento XVI, em suas catequeses, segue a mesma linha de interpretação, ou seja, identifica um caráter amplamente cristológico no livro dos Salmos. Orando com os Salmos é preciso considerar que, em primeiro lugar, dizem respeito a Cristo, seja como o próprio quem fala, ou como realização de profecias a respeito dEle, e, ainda, como Aquele que ora em nome dos crentes. Os mistérios da vida de Cristo estão todos contidos nos Salmos, como demonstrados nos comentários patrísticos e nas catequeses de Bento XVI, desde a Anunciação até a sua Ascensão. Os Salmos, como também acontece no âmbito de qualquer oração, não são monólogos, onde as palavras percorrem apenas uma direção. “A tua oração é uma conversa com Deus. Quando lês, é Deus que fala contigo, quando oras, és tu que falas a Deus” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2015, p. 896). Nos Salmos é estabelecido um diálogo entre o Pai e o Filho, entre Deus e o homem e entre Cristo e a Igreja. Graças ao Concílio Vaticano II, os fiéis passaram a ter melhores condições de orar os Salmos, seguindo a teologia dos Padres da Igreja. As catequeses do Papa Bento XVI, a respeito da oração e dos Salmos, embora breves, por razões metodológicas, apresentam-se também como subsídios de primeira grandeza. O crente, ao orar com os Salmos, reconhece a si mesmo, como um espelho, pois, nenhum outro livro da Escritura contém tantas referências à existência humana. Quanto mais conhece os Salmos, sobretudo através da perspectiva cristológica, desenvolvida pelos Padres e corroborada pelo magistério do Papa Bento XVI, tanto mais o crente encontra neles a oração do próprio Cristo.

Referências

AGOSTINHO DE HIPONA. *Coleção Patrística* vol. 9/2. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. Comentários aos Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 878-913.

_____. Sermões. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 993-1126.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Os Mistérios. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 613-623.

_____. Comentários aos Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica*.

Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 634-646.

ARNÓBIO, O JOVEM. Comentários aos Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1181-1182.

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA – Epístola a Marcelino. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 433.

BASÍLIO DE CESAREIA. Homilias sobre os Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 462.

BENTO XVI, PP. O homem em oração (7). O povo de Deus que reza: os Salmos. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110622.html. Acesso em: 12 fev. 2021.

_____. O Rei Messias. Salmo 110 (109). Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111116.html. Acesso em: 12 fev. 2021.

_____. Levanta-te Senhor, salva-me. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110907.html. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonastes? Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110914.html. Acesso em: 11 fev. 2021.

_____. Salmo 23. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111005.html. Acesso em: 12 fev. 2021.

_____. Salmo 126. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111012.html. Acesso em: 14 fev. 2021.

_____. Salmo 136. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111019.html. Acesso em: 13 fev. 2021.

_____. Salmo 119. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111109.html. Acesso em: 15 fev. 2021.

_____. Salmo 110. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111116.html. Acesso em: 17 fev. 2021.

- CASSIODORO. Comentários aos Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1423.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Loyola, 1993.
- CONCÍLIO VATICANO II. Sacrossanctum Concilium. Constituição dogmática. In: *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. Introdução e índice analítico: Boaventura Kloppenburg. Coordenação geral de Frederico Vier. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DÍDIMO DE ALEXANDRIA – A Trindade. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 653-654.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. Comentários aos Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p.380.
- GERHARDS, A.; KRANEMANN, B. *Introdução à Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2012.
- GREGÓRIO DE NISSA. Homilia sobre os que adiam o Batismo. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 593.
- HILÁRIO DE POITIERS. Tratado sobre os Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 418-422.
- IRINEU DE LYON. *Coleção Patrística* vol. 33. São Paulo: Paulus, 2014.
- ISIDORO DE SEVILHA. Etimologias. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1528-1534.
- JUSTINO DE ROMA. *Coleção Patrística* vol. 3. São Paulo: Paulus, 1995.
- LAUDIS CANTICUM. In: *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014, p. 464-469.
- NICETAS DE REMESIANA. De utilitate hymnorum, PL 68, 371-376. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 763-765.

ORÍGENES. Livro dos Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 281.

RATZINGER, J. Introdução ao Espírito da Liturgia. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *Obras Completas XI*. Teología de la liturgia: la fundamentación sacramental de la existencia Cristiana. Madrid: BAC, 2012.

TARRUEL, J. G. Salmos. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A.M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 1095-1109.

TEODORETO DE CIRO. Comentário aos Salmos. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1228.

TERTULIANO. *Adversus Praxeam*, 11,7 (PL 2, 153-196).

VAGAGGINI, C., *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

Artigo recebido em 10/03/2021 e aprovado para publicação em 19/04/2021

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v20i39-2021-10>

Como citar:

OSAVA, Marcelo Massao. Os Salmos como escola de oração, na teologia dos Padres da Igreja e Bento XVI. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 39, p. 201-220, jan./jun. 2021. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br